

a sua conveniência é perfeita ao se pretender a compreensão de todos os ângulos daquela empresa náutica.

Por sua vez, a própria indicação dos manuscritos, quase sempre constantes de **Papéis avulsos**, acreditamos que mereceria mais detalhes, com a única finalidade de facilitar também o pesquisador interessado em tais documentos.

Referimo-nos ao esclarecimento sobre se se trata de manuscritos catalogados ou não, bem como sobre o número da caixa ou maço em que estão, pois sem isto a localização do documento torna-se extremamente difícil e demorada, a não ser que os manuscritos da índia estejam arquivados de tal modo que a simples indicação do ano seja suficiente para a sua pronta determinação, o que não deve acontecer, uma vez que o próprio autor menciona sempre a **capilha** (térmo que nos arquivos portugueses deve indicar o que nós chamaríamos aqui de **pasta**, e na qual se guarda um manuscrito ou maço de manuscritos), desde que ela trouxesse uma indicação útil ao leitor, como a data do documento por exemplo.

A amizade e admiração que temos pelo dr. Alberto Iria é que nos anima a estas observações construtivas para dar justamente maior alcance ao seu trabalho, já de si tão meritório, que com toda a certeza, pela premência de tempo de que dispôs para apresentá-lo, não pôde atender melhor a essas exigências.

Completam o volume 40 excelentes reproduções fotográficas de gravuras portuguesas e de outras nacionalidades, mapas, aquarelas e até mesmo uma tela a óleo, conservados também no Arquivo Histórico Ultramarino, que nos mostram bem a riqueza da iconoteca que há no Palácio da Ega.

Destacou ainda o autor vários documentos, como cartas, regimentos, despachos, relações, alvarás, assentos e requerimentos, que vão em apêndice, enriquecendo assim sobremaneira este seu último trabalho, que por sua vez acrescenta-se à excelente bagagem que ele já possui sobre a História de Portugal.

JOSE' ROBERTO DO AMARAL LAPA

*

* *

D'ELIA, S. J. (Pasquale M.). — *Il lontano confino e la tragica morte del P. João Mourão S. I., missionario in Cina (1681-1726) — Nella storia e nella leggenda, secondo documenti in gran parte inediti*. Lisboa. Agência Geral do Ultramar. 1963, 604 pp.

O livro focalizado é de autoria do jesuíta Pasquale D'Elia, ex-professor de Sinologia na Pontifícia Università Gregoriana e na Università degli Studi di Roma, falecido antes de terminar sua obra, a qual teve em Domingos Manurício S. I. o revisor das ilustrações e o elaborador do índice.

Eduardo Brandão, embaixador de Portugal junto à República Italiana, apresenta o livro e refere-se ao autor, salientando

“sobretudo os seus excelentes e eruditos comentários aos trabalhos do grande Matteo Ricci” (p. XVI),

iniciador da obra catequética na China.

Prefaciando o seu próprio livro, o autor justifica a sua obra pela necessidade de esclarecer inúmeros episódios da história da Companhia de Jesus no mundo e, de imediato, a vida do Pe. João Mourão S. J., missionário na China (1681-1726).

Em 1722 morria o imperador chinês Hsüan-yeh, que não era hostil aos europeus, sem indicar o seu sucessor. A sucessão foi disputada por seus filhos, tendo saído vencedor e sido coroado imperador Yung-Cheng, que desencadeou contra seus irmãos terrível perseguição e realizou uma política desfavorável aos europeus.

O Pe. Mourão, jesuíta português, muito ligado ao príncipe Intam, irmão do imperador, caiu em desgraça juntamente com aquele, sendo ambos acusados de traição e conspiração contra Yung-Cheng. Foram exilados em Sining e mortos em 1726.

O episódio vivido pelo Pe. Mourão foi muito explorado no século XVIII pelos inimigos da Companhia de Jesus, que exemplificavam desta forma a prioridade das atividades políticas jesuíticas sobre as atividades catequéticas. Em Roma tramava-se a extinção da Companhia, e o caso Mourão foi uma das demonstrações objetivas, de como os jesuítas pactuavam com o paganismo, usando desta forma de meios maquiavélicos para chegar ao poder político. Responsabilizou-se, por outro lado, o Pe. Mourão pela perseguição que o governo chinês desencadeou sobre os cristãos de 1726-1742; desta forma um jesuíta havia arruinado uma obra importante de catequese, empreendida também por outras ordens.

O Pe. D'Elia propõe-se esclarecer, definitivamente, a atuação do missionário, através de minucioso exame de documentos da época.

“Io voglio soltanto esaminare se egli fu veramente un ribelle, un nemico dello stato cinese, un sobbilitore, un rivoluzionario, e quindi se egli fu veramente la causa della persecuzione che ne seguì, come la leggenda lo ripete da due secoli e mezzo” (p. XXII).

Percebemos, por esta declaração, as intenções verdadeiramente judiciosas do autor, mas admiramo-nos de a seguir encontrarmos:

“Se posso arrivare a provare ch'egli non fu niente di tutto questo, lo scoppo di queste pagine sarà pienamente raggiunto” (p. XXII).

Perguntamo-nos se o objetivo do autor é pesquisar a verdade ou provar a inocência do Pe. Mourão? Se a análise dos documentos nos levar a admitir a inocência do jesuíta em relação às acusações de conspiração, estaremos dentro dos métodos históricos habituais, mas, se partirmos de uma posição apriorística, como a do autor, estaremos arriscados a nos afastar da realidade.

O livro é dividido em três partes: a história, a lenda, e os documentos. Na primeira parte, baseado em farta documentação chinesa e em testemunhos da época, o autor tenta reconstituir a vida e a personalidade do Pe. Mourão. Procura analisar, à luz de documentos inéditos, tais como os éditos imperiais, uma época de agitação na sucessão do trono chinês e de desconfiança para com os europeus. Se o autor explorasse melhor as condições sino-européias que propiciaram as perseguições aos católicos, o livro ganharia muito na compreensão do processo Mourão e na explicação da situação dos inacianos na China.

Na segunda parte, o Pe. D'Elia preocupa-se em mostrar a inocência do Pe. Mourão, destruindo as opiniões e criticando documentos que admitem o contrário, argumentando que, umas e outros, são frutos da hostilidade de algumas ordens religiosas com relação à Companhia de Jesus. Destaca-se do contexto o testemunho do jansenista Villermaule, autor provável de uma obra intitulada: *Anedoctes sur l'état de la religion dans la Chine*, rica de informações e polémicas. Villermaule assim se refere ao caso Mourão:

"Anzi datto che la Compagnia di Gesù, in soli due secoli di storia ha datto più soggetti colpevoli del tipo del P. Mourão, che tutti gli altri ordini religiosi dalla loro fondazione in poi, l'unico vero rimedio sarebbe di sopprimere completamente questa Compagnia" (p. 228).

A maior parte do livro dedica-se à publicação de volumosa série de documentos de que se serviu o autor para a realização desta obra. De importante utilidade para os interessados na penetração do Cristianismo na China, esta série possui: correspondência de missionários (1.a metade do século XVIII), correspondência de embaixadores do Vaticano na China, crônicas e documentos oficiais chineses traduzidos para o latim, num total de 66 textos. Os documentos são precedidos de resumo, sem contudo obedecerem um critério cronológico rígido, o que valorizaria mais êste trabalho que, antes de ser uma obra histórica, é, antes de tudo, um levantamento de fontes históricas.

MARIA DE LOURDES MÔNACO JANOTTI

*

* *

PERDIGÃO (José de Azeredo). — II Relatório do Presidente, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1964.

Seria suficiente lembrar aqui iniciativas como os estudos feitos no Brasil dos Santos Simões sobre a azulejaria portuguesa de nosso país, cujo resultado imediato é um volume já pronto para ser impresso, que deverá integrar o "Corpus" da Azulejaria Portuguesa, ou então o restauro do histórico edifício da Santa Casa de Misericórdia da Bahia, que data do século XVII, ou ainda a exposição feita em Portugal dos "Documentos e Manuscritos de Música Barroca de